NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo

luizazedo.df@dabr.com.br

Lula explora favoritismo para ampliar alianças

Os manifestos em defesa da democracia, das urnas eletrônicas, da Justiça Eleitoral e do Supremo Tribunal Federal (STF) — um deles articulado por ministros aposentados da Corte, professores e alunos da tradicional faculdade de Direito do Largo de São Francisco, da Universidade de São Paulo (USP); o outro, pela poderosa Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), com apoio da Federação do Comércio de São Paulo (Fecomércio-SP) e da Federação Brasileira dos Bancos (Febraban) — sinalizam um grande movimento de placas tectônicas na política brasileira.

Representam a reação da sociedade civil à narrativa golpista de Jair Bolsonaro (PL), principalmente depois da reunião com diplomatas de cerca de 70 países, na qual levantou suspeitas sobre o sistema eleitoral e atacou os ministros do Supremo Luís Roberto Barroso, Édson Fachin e Alexandre de Moraes. O fato de o presidente ter anunciado a intenção de convocar uma manifestação para o 7 de setembro, dia do Bicentenário da Independência, com o propósito de confrontar o Supremo, como anunciou no domingo passado, na convenção eleitoral do PL, deu mais repercussão aos manifestos, que podem chegar a um milhão de assinaturas de personalidades dos mundos jurídico, empresarial, acadêmico, científico e artístico.

A 63 dias do primeiro turno das eleições, os dois manifestos sinalizam um realinhamento de forças políticas e sociais de muita envergadura, cujas consequências eleitorais não estão ainda definidas, mas revelam o profundo isolamento político de Bolsonaro, dos generais que o cercam e dos políticos do Centrão que controlam o Orçamento do governo. O inegável prestígio popular, que mantém uma base eleitoral bastante resiliente, e o peso da utilização da máquina governamental para desequilibrar a eleição a seu favor, por meio da aprovação da PEC da Eleição, não vêm sendo suficientes para reduzir os índices de rejeição de Bolsonaro, o que mantém a polarização e a radicalização políticas, mas não a sua expectativa de poder.

A forte repercussão negativa aos pronunciamentos dele contra a urna eletrônica e o STF também aprofundou seu isolamento internacional. E pôs uma saia justa no seu ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira, que vinha sendo o porta-voz das infundadas suspeitas em relação à segurança das urnas eletrônicas.

> NÃO HÁ RELAÇÃO DIRETA DO DESCOLAMENTO DO ESTABLISHMENT EMPRESARIAL E JURÍDICO EM RELAÇÃO A BOLSONARO COM O APOIO DESSES SEGMENTOS A LULA

Na quinta-feira, reunidos em Brasília, ministros da Defesa de 21 países assinaram uma carta em que se comprometem a manter e defender a democracia, a paz na região e reconhecer a soberania dos países. A 15ª Conferência de Ministros da Defesa das Américas (CMDA) já estava prevista, porém serviu para o secretário de Defesa dos Estados Unidos, Lloyd J. Austin III, cobrar "devoção à democracia" de ministros da Defesa de países das Américas, num claro recado aos generais que formam o estado-maior de Bolsonaro no governo, entre os quais o vice Walter Braga Neto e o próprio Nogueira.

Alianças

Austin afirmou que as forças armadas devem se manter "sob firme controle civil" e que as instituições militares precisam ser transparentes. Foi mais um dos seguidos sinais emitidos pelo presidente norte-americano Joe Biden, de que Bolsonaro não deve embarcar numa aventura golpista. Essas advertências encontram eco na sociedade, principalmente na elite política, jurídica e empresarial do país, e entre os militares, cujas relações históricas com os Estados Unidos foram tecidas a partir da entrada no Brasil na II Guerra Mundial, com o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) aos campos de batalha da Itália.

Na medida em que mantém seu favoritismo, a expectativa de poder está se transferindo cada vez mais para o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ocorre que não existe uma relação mecânica entre o descolamento do establishment empresarial e jurídico do governo Bolsonaro, revelado pelos manifestos, e o apoio eleitoral desses segmentos ao petista. Os atos são de caráter suprapartidário e, de certa forma, alimentam as esperanças dos candidatos Ciro Gomes (PDT) e Simone Tebet (MDB) de que ainda possa haver espaço para uma terceira via. Ambos apostam que a alta rejeição de Bolsonaro pode levar os eleitores antipetistas a buscar uma alternativa.

É aí que Lula, macaco velho de eleições, se movimenta para consolidar a polarização com Bolsonaro e tentar vencer o pleito no primeiro turno. Primeiro, tirou o salto alto e resolveu conversar com André Janones (Avante) para remover sua candidatura, que oscila na faixa entre 3% e 2% dos votos — uma diferença que pode levar a eleição para o segundo turno.

O parlamentar mineiro é um fenômeno das redes sociais e tem muita penetração no eleitorado jovem. Lula também negocia a retirada da candidatura de Luciano Bivar (União Brasil), que não tem expressão eleitoral significativa, mas dispõe de muito tempo de rádio e televisão e é um desafeto figadal de Bolsonaro. No pacote desse acordo, pode haver um acerto tácito na Bahia, que é o quarto colégio eleitoral do país e no qual o ex-prefeito de Salvador ACM Neto (União Brasil) desponta como favorito — tem quase 40 pontos de vantagem em relação ao petista Jerônimo Rodrigues, o segundo colocado.

ELEIÇÕES 2022

Com Fernando Haddad na mira, candidaturas de Tarcísio de Freitas (afilhado de Bolsonaro) e Rodrigo Garcia (que busca a reeleição) estão confirmadas

Rivalidade engata em SP

» FABIO GRECCHI

A corrida eleitoral começou a engatar em São Paulo com a confirmação das candidaturas de Tarcísio de Freitas (Republicanos) e de Rodrigo Garcia (PSDB) ao Palácio dos Bandeirantes. Em comum, um único inimigo: Fernando Haddad (PT), que lidera as pesquisas de intenção de voto no estado — a mais recente, do Instituto Badra Comunicação, divulgada na última segunda-feira, coloca o petista com 41,3% contra 17,9% do ex-ministro da Infraestrutura e 13,1% do tucano.

Na confirmação de Tarcísio, além da presença de Jair Bolsonaro (PL), que fez novo discurso convocando seus apoiadores para o 7 de Setembro — **leia na página 4** —, e da primeira-dama Michelle, compareceram fieis aliados do presidente (como os deputados Carla Zambelli e Daniel Silveira, além do ex-número 1 da Fundação Palmares, Sergio Camargo) e recém-convertidos ao bolsonarismo (como Eduardo Cunha).

Tarcísio evitou, em seu discurso, citar diretamente Haddad e disse que "a gente dá um novo passo na caminhada da direção de uma nova era, uma era de esperança, de acolhimento das pessoas que precisam do suporte do estado, uma era de inovação, de sustentabilidade. Nós precisamos transformar o estado de São Paulo e nós vamos fazer isso juntos".

Já Garcia, no evento de confirmação de candidatura à reeleição, não deixou Haddad de fora e inflamou os apoiadores com críticas ao petista, que não conseguiu ser reeleito quando disputou mais um mandato à prefeitura paulistana. "Teve a oportunidade de governar a cidade e, depois, quando foi avaliada a sua administração, tomou cartão vermelho. Foi para a casa, perdeu para branco e nulo", lembrou.

Isso não quer dizer que também não tenham sobrado críticas para Tarcísio, com o qual aparece tecnicamente empatado nas pesquisas de intenção de votos. O governador fez questão de enfatizar que ele é um forasteiro — o ex-ministro é carioca de nascimento. "Meus adversários estão vindo para dividir o nosso estado. Não quero divisão, quero união. Não quero dividir, quero somar", atacou, referindo-se também à polarização protagonizada por Bolsonaro (padrinho político de Tarcísio) e Luiz Inácio Lula da Silva (que respalda Haddad).

No evento, compareceram tucanos recém-convertidos como os ex-bolsonaristas Joice Hasselmann e Alexandre Frota.